



---

**Democracia Mídia: dilemas e contradições do fazer político na sociedade contemporânea<sup>1</sup>**

**Mediatized Democracy: dilemmas and contradictions of political processes in contemporary society**

Kárita Sena<sup>2</sup>

Alana Nogueira Volpato<sup>3</sup>

Caroline Kraus Luvizotto<sup>4</sup>

**Resumo:** A partir de uma discussão teórica, pretendemos levantar dilemas e contradições do fazer político e os impactos para a democracia na sociedade contemporânea, com uma abordagem relacionada à Mídia. Debates a esfera pública midiática e a mídia da política, desde uma concepção dos mass media, até alcançar o que tratamos como a Democracia Mídia e os contornos atuais do fazer político ante as lógicas que vêm sendo adotadas pautadas nas tecnologias digitais. O objetivo é contribuir com a compreensão de fenômenos que impactam os processos interacionais sociais e políticos desde as eleições de Donald Trump em 2016 e traçar possíveis impactos que isso tem gerado para o tecido democrático.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Bauru. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais - ComMov/UNESP. Membro do grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo - Ciberjor/UFMS. É mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2011). Contato: karitaemanuelle@gmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp - Universidade Estadual Paulista. Mestra em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (2015). Integra o Grupo de Pesquisa em Comunicação Midiática e Movimentos Sociais - ComMov/Unesp. Bolsista da Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Contato: alanavolpato@gmail.com

<sup>4</sup> Socióloga, doutora em Ciências Sociais pela Unesp - Universidade Estadual Paulista. Realizou estágio de Pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa - Portugal. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unesp. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais - ComMov. Contato: caroline.luvizotto@unesp.br



**Palavras-chave:** Democracia; Mídia; Política; Sociedade; Tecnologias Digitais.

**Abstract:** Based on a theoretical discussion, we intend to identify dilemmas and contradictions in political practice and the impacts on democracy in contemporary society, with an approach related to Mediatization. We debate the mediatized public sphere and the mediatization of politics, from a conception of the mass media to what we call Mediatized Democracy, and the current contours of political making in face of the logics that have been adopted based on digital technologies. This paper aims to contribute to the understanding of phenomena that impacted social and political interaction processes since Donald Trump's elections in 2016 and to outline possible impacts that it generated for democracy.

**Keywords:** Democracy; Mediatization; Policy; Society; Digital Technologies.

## **1 A esfera pública midiaticizada e seus impactos para as interações sociais**

Cada vez mais, a mídia ocupa a centralidade dos processos interacionais humanos. A tecnologia digital em rede alterou ritmos, acelerou temporalidades, ampliou espacialidades, transformou a forma com que lidamos com o outro, com o dinheiro, com a política, com a imagem do mundo e de nós mesmos. Comunicação e Tecnologia estão assim inseridos nas trocas pessoais e globais, perfazendo um conjunto que afeta de forma profunda costumes e práticas culturais em todo o planeta.

As esferas pública e privada se confundem ante a codificação digital dos comportamentos sociais e o atravessamento dos campos sociais pela mídia, que não se apresenta mais exclusivamente como instituição autônoma, mas contribui para o funcionamento das demais, permeando práticas experienciais que partem de diversos atores sociais.

Em um contexto econômico, político e social diverso, a esfera pública assume uma nova constituição a partir da segunda metade do século XX, segundo o olhar



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

habermasiano, e passa a ser regida por novas lógicas de consumo para as quais as práticas comunicacionais têm papel crucial – especialmente os meios de comunicação de massa em forte expansão naquele momento.

Para Habermas (2014), a mudança estrutural da esfera pública, que se dá em um contexto diverso, compreende a integração entre Estado e sociedade, o surgimento dos meios de comunicação de massa, como a nascente televisão, a crescente importância da propaganda, a fusão entre entretenimento e informação, a decadência de associações liberais, entre outros fatores.

Para uma análise da concepção discursiva de espaço público no contexto latino-americano, Avritzer e Costa (2004) apontam que não se pode prescindir das críticas e correções ao modelo habermasiano, principalmente no que concerne ao alargamento do conceito, estendendo a esfera pública a atores sociais não compreendidos em uma concepção eminentemente burguesa.

Uma realidade de aceleração imposta pelos novos tempos, com novas espacialidades e novas temporalidades que afetam e forjam modos de agir e comunicar, o século XXI é cena de transformações graves que afetam os modos de sociabilidade humana empreendendo, conforme nosso entendimento, a constituição de um novo espaço público midiático, em um contexto de hiperconexão e digitalização.

Pleitos eleitorais e plebiscitos, debates, críticas e comentários sobre a vida pública, mobilizações sociais, reclamações de serviços públicos e privados, controle de gastos públicos e projetos de incentivo a práticas democráticas e cidadãos transmutaram em formato, alcance e visibilidade com a digitalização da vida e a mediação da sociedade.

Dessa forma, a sociedade contemporânea é uma sociedade em processo de mediação. Isso pode dizer muitas coisas, mas uma delas e que mais cabe ao interesse deste trabalho é que a comunicação, e mais especificamente, os media ocupam um espaço de centralidade nos processos sociais. Alinhada a essa constatação, novas lógicas sociais vão sendo criadas e estabelecidas a partir dessa relação triangular, difusa e interdependente entre sociedade, mídia e tecnologia.



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

O processo de midiatização está longe do fim e precisar quando foi o seu início também é uma tarefa controversa. Para Bernard Miège (2009) as décadas de 1970 e 1980 nos Estados Unidos poderiam representar uma situação histórica para a emergência desse processo que, depois, gradualmente, se acentua com a disseminação das tecnologias de informação e comunicação.

Em uma perspectiva institucional do processo, Hjarvard (2014) entende que a midiatização se refere às transformações estruturais decorrentes da relação de interdependência entre a mídia e outras esferas sociais. Hjarvard indica que a midiatização é um processo característico da modernidade radicalizada, alta modernidade ou modernidade tardia que, para Giddens (1997), não rompe, mas acentua e radicaliza os parâmetros da modernidade. Conjugando o pensamento de Habermas e concebendo as sociedades modernas num estado de alta ou radicalizada modernidade, que apresenta como característica dominante um elevado grau de reflexividade, Giddens (1997) acredita que a modernização reflexiva possibilita o entendimento e a criação de interpretações que possam responder às discontinuidades da modernidade, geradas a partir das mudanças da vida moderna. “As sociedades reflexivas precisam encontrar soluções por elas mesmas para os problemas criados sistematicamente pela modernização social, principalmente no âmbito político” (Luvizotto, 2013, p. 251). Essa abordagem permite perceber as mudanças sociais e culturais resultantes da influência das lógicas da mídia, como instituição que construiu suas normas e regras próprias, nas demais instituições.

Braga (2015), por outro lado, defende que a influência de lógicas de mídia explica apenas parte dos processos de midiatização, que possuem lógicas próprias. Primeiro, porque a mídia é orientada por lógicas diversas e nem sempre convergentes. Segundo, porque as lógicas da mídia, em contato com outras instituições e atores sociais diversos, não são apenas assimiladas. Em interações que passam pela mídia, é possível que os participantes recorram aos padrões consolidados nesse campo social, assim como é possível que se orientem por outras lógicas institucionais ou que desenvolvam processos midiáticos próprios, adequados a atividades de seu interesse. Conforme a



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

sociedade experimenta interações midiaticizadas, passa a transformar as próprias lógicas da mídia, invertendo o processo de influência.

Compreendendo que os dois fenômenos coexistem atualmente na sociedade - tanto os media enquanto instituição atravessando todos os campos sociais, quanto a sociedade se apropriando de recursos de mídia e tecnologia para tentar e propor novas lógicas - configuram-se ambos como faces do processo de midiaticização. Isso permite-nos, então, enxergar uma esfera pública midiaticizada.

Entre as consequências do processo de midiaticização estão a necessidade de comunicação das instituições com a sociedade em geral e com os demais campos sociais que se amplia; com isso, os campos sociais estão mais expostos; e a presença da mídia em todas as esferas da vida social contribui para uma aproximação entre os campos. Além disso, a midiaticização contemporânea, marcada pelos meios de massa e pelas tecnologias digitais, cria circuitos de comunicação que atravessam os campos sociais, gerando uma série de constrangimentos, oportunidades e situações indefinidas, para as quais a sociedade ainda não encontrou respostas bem estabelecidas (Braga, 2012).

Na visão de Braga (2018), a qual compartilhamos, o fenômeno comunicacional, de toda forma, precede os demais. Ele explica que tais atividades de interesse da sociedade criadas por novos atores se configuram como invenções sociais sobretudo relacionadas à necessidade de interação com outras instituições e setores.

Tal invenção social de procedimentos interacionais pode partir diretamente de instituições sociais as mais diversas, de ambientes difusos na sociedade e mesmo de atores individuais, através de gestos não inscritos em processos institucionalizados - ou contrapostos a estes. Nessas condições, é inevitável uma atividade experimental para a busca de padrões adequados (Braga, 2018, p. 303, grifo do autor).

Temos assim novos modelos interacionais midiaticizados referentes ao modo de se relacionar com instituições e ao relacionamento entre os próprios atores sociais, que se apropriam de processos midiaticizados para propor, por sua vez, novas práticas e processos que têm interferido - contribuído e prejudicado, em graus diversos - para a consolidação de democracias pelo mundo todo.



---

Se a midiatização e a digitalização da vida humana se espalham pelos mais diferentes âmbitos sociais, culturais, econômicos e políticos, não é difícil constatar que o espaço público, tanto quanto o privado e sua cada vez mais difícil delimitação, é também midiatizado e digitalizado, levando a resultados incertos.

## **2 Midiatização da Política – A incidência dos mass media**

As perspectivas da Midiatização da política vêm desde uma compreensão de como meios institucionais impactam o fazer político, quanto às transformações desencadeadas pelas tecnologias digitais, levando a deslocamentos provocados nos modelos anteriores. No contexto da midiatização, a política é constantemente mediada por diferentes meios e plataformas de comunicação, e atravessada por interações que dependem da mídia. Analisando casos de políticos utilizando mídias no Brasil, na Inglaterra e na Itália, Mazzoleni e Schulz (1999, p. 249, tradução nossa) discutem a influência dos meios de comunicação de massa na política, que “tornou-se dependente, em suas funções centrais, dos meios de comunicação de massa e é constantemente moldada pelas interações com eles”.

Couldry (2012) comenta que o campo da política é onde se pode perceber, de forma evidente, lógicas da mídia agindo sobre outras instituições, impactando desde seu funcionamento diário até os processos de deliberação pública. Para Strömback e Esser (2014), trata-se de um processo dinâmico que, ao longo do tempo, evidenciou a centralidade da mídia afetando instituições, atores e organizações políticas pela forma como usam a mídia para se comunicar.

Como os diferentes atores políticos disputam recursos como atenção pública e legitimação, e diante da relevância assumida pela mídia no cenário político contemporâneo, Meyen et. al. (2014) explicam que a midiatização tensiona atores políticos a mudarem estratégias, redistribuírem recursos nas organizações políticas como partidos, grupos de interesse e organizações não-governamentais, o que leva a uma alteração no conjunto do sistema político em longo prazo. Para Strömback (2008), a busca pela atenção pública, que é passível de gerenciamento, passa pela mídia. A



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

possibilidade de administração de recursos para negociar espaços midiáticos e suas lógicas subjacentes passa a exigir atenção constante dos atores políticos.

Strömback (2008) exemplifica que os meios de comunicação de massa preferem abordar a política por meio do conflito e da personalização, que apresentam resultados satisfatórios com a audiência, atendendo à uma lógica comercial. No entanto, ao longo do tempo, contribui para uma política mais pautada pelo conflito e pela personalização. Como resultado da necessidade de adaptação às lógicas da mídia em todo processo político, os meios de comunicação deixam de ser percebidos como externos e passam a ser entendidos como inerentes, estruturando o campo político, configurando o que o autor chama de quarta fase do processo de mediação da política.

As campanhas voltadas à formação da opinião pública como estratégia política, as campanhas permanentes dos políticos que se estendem para além do período eleitoral e a profissionalização da política são práticas fundamentais para o campo político hoje. No entanto, não são lógicas próprias da política, mas originadas nessa intersecção com a mídia (Strömback, 2008).

Mobilizando todos os recursos disponíveis nas batalhas diárias para influenciar e modelar as notícias, sobretudo acolhendo desejos, necessidades e padrões dos critérios de noticiabilidade, atores sociais e políticos podem ser bem-sucedidos no curto prazo, mas ao mesmo tempo, suas ações revelam a relativa insignificância da lógica política em oposição à lógica da mídia (Strömback, 2008, p. 240, tradução nossa).

Meyen et al. (2014) afirmam que, em um nível micro, atores políticos podem mudar estratégias considerando a mídia, como um partido político que, entre dois candidatos para uma eleição, escolhe aquele com mais potencial para um bom desempenho nos meios de comunicação. Em um nível meso, passam a apresentar mais preocupação com a formação da opinião pública e tendem a desenvolver habilidades de relações públicas para, em nível macro, fazerem transformações estruturais voltadas para as lógicas da mídia.



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

Como a miatização da política é, no limite, configurada pelas práticas e pelos interesses táticos e estratégicos e necessidades de diferentes meios e de diferentes instituições políticas, organizações e atores políticos com um certo enquadramento institucional, não deve ser percebida como um fator exógeno que influencia todas as instituições, organizações e atores de maneira uniforme (Strömback e Esser, 2014, p. 249, tradução nossa).

Com base nessa observação, é preciso reconhecer que, como discutimos anteriormente, atores sociais e políticos são orientados por suas lógicas próprias, lógicas de outras instituições e, também, por lógicas de mídia, levando a redirecionamentos diversos. Estas, por sua vez, não são amparadas apenas por padrões profissionais do jornalismo, mas formadas considerando as expectativas da audiência, as pressões de anunciantes ou parceiros políticos, a linha editorial. Ainda, esses aspectos particularmente relevantes nos meios de comunicação de massa se complexificam com as possibilidades de interação promovidas pelas mídias digitais que envolvem, por exemplo, os algoritmos das plataformas, seus mecanismos de produção, edição e compartilhamento, o papel desempenhado por usuários que não se limitam à emissão ou recepção, entre outros.

Nesse sentido, pode-se compreender as diferentes dinâmicas que operam em diferentes sistemas midiáticos, como os de massa ou os da mídia digital. No entanto, Ferreira (2019) destaca que, mesmo operando de forma distinta na perspectiva da miatização, mídias digitais e meios de comunicação de massa são, ambos, massivos e industriais. Produção e consumo dos processos midiáticos continuam, em boa parte, sendo orientados por mercados da economia, da política ou de outras instituições. Hjarvard (2015) complementa que existem características e funções sociais comuns aos diferentes meios de comunicação, indo na contramão de uma suposta atribuição de funções públicas aos meios de massa e privadas às mídias digitais.

Para pensar as implicações da miatização para a política e para a democracia, é preciso evitar uma concepção binária em que os meios de comunicação de massa são vistos como danosos e os meios digitais como espaços de participação e mobilização. Para Carlón (2019), essa distinção:



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

[...] é um problema porque nem tudo que acontece nos meios massivos é a personalização da política e a política do escândalo nem só o que acontece nas redes sociais midiáticas são os movimentos sociais. Porque cada vez há mais política nas redes sociais e cada vez mais os meios massivos cumprem papéis chave na difusão e desenvolvimento dos movimentos sociais. (Carlón, 2019, p. 25-26, tradução nossa)

O reconhecimento de que as lógicas midiáticas são formadas tanto pelos meios de comunicação de massa quanto pelos meios digitais, com suas convergências e especificidades, sustenta o olhar da perspectiva institucional, centrada na influência de regras, normas e padrões estabelecidos no campo da mídia, que explica parte dos processos de mediação da política.

Tal abordagem compreende parte dos processos de mediação da política. Mas, por se limitar ao já instituído, não dá conta de explicar os inúmeros desafios da democracia contemporânea relacionados, justamente, aos procedimentos não instituídos, informais, acionados de forma experimental (Maia, 2020). A presença generalizada da mídia na vida cotidiana cria uma série de situações para as quais não há experiência acumulada suficiente, padrões que orientem a conduta ou resultados previsíveis, inclusive, para os atores do campo social da mídia.

Os processos de mediação da política, conduzidos por lógicas midiáticas variadas e pelos usos da mídia por atores diversos e seus próprios interesses, apontam para a emergência de um espaço público mediado, em que os diferentes sistemas midiáticos têm sido apropriados para enfraquecimento dos processos democráticos.

### **3 Crise da democracia contemporânea**

A Democracia na perspectiva deliberativa, de raiz habermasiana, é um sistema pautado na participação que deve envolver os atores atingidos pelas decisões a serem tomadas. Nesse sentido, a participação não pode se restringir a formalidades constitucionais ou governamentais, e deve estendida aos mais distintos ambientes e instituições (Domingues-Da-Silva e Barros, 2013).



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

Porém, a realidade vem mostrando que o que chamamos de práticas democráticas resumem-se cada vez mais a participações em pleitos eleitorais, que vêm conferir legitimidade à competência de especialistas da gestão dos assuntos comuns. Para o autor, o Estado democrático é em si uma contradição, cujo princípio está na ideia de um poder que não pertence a ninguém e que não pode ser monopolizado por nenhuma competência.

Ranciére (2014) questiona se o termo democracia ainda convém aos regimes contemporâneos. O autor indaga se ainda pode-se falar em democracia no mundo atual ao lançar suas reflexões em ensaio apresentado em 2011 na cidade de Atenas, considerada por muitos como o berço da democracia. Conforme o autor, há quarenta anos, a ideia de democracia se estabelecia sob uma oposição ao totalitarismo, configurando um modo de vida global com conjunto de valores partilhados.

O que se tem no presente, segundo Ranciére (2014), é um movimento de involução da democracia, em que os estados que se denominam democráticos são, isto, sim, oligarquias que implicam na rejeição ao poder do povo. É também o que argumentam Dardot e Laval (2016), que identificam a racionalidade neoliberal regendo o espaço público contemporâneo.

Segundo os pesquisadores, a racionalidade neoliberal tem na sua norma fundamental a competição “mortífera”, a modelar a vida social, “introjetada na subjetividade dos indivíduos pelo capital e seu mercado” (Dardot e Laval, 2016). Citando Michael Foucault, Brown (2019) complementa que na racionalidade neoliberal, os princípios do mercado se tornam os princípios do governo, além de circular nas instituições em toda a sociedade, como escolas e locais de trabalho.

Esses princípios tornam-se princípios de realidade que saturam e governam cada esfera da existência e reorientam o próprio homo economicus, transformando-o de um sujeito da troca e da satisfação de necessidades (liberalismo clássico) em um sujeito da competição e do aprimoramento do capital humano (neoliberalismo) (Brown, 2019, p. 30-31).



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

Para a autora, a racionalidade neoliberal prepara o terreno para mobilizar e legitimar as forças antidemocráticas desta segunda década do século XXI, que culminam no que Castells (2018) e Mounk (2019) chamam de crise da democracia liberal. A crise na legitimidade política, junto à crise econômica ocupam o cerne da questão.

Para Almeida (2018) as práticas atuais estão em pleno acordo com o regime neoliberal, para o qual se faz necessário um processo de desdemocratização, isto é, a democracia para o neoliberalismo é tida como um detalhe prescindível, sendo necessário atuar na retirada progressiva da possibilidade de decisões democráticas a fim de manter a ordem econômica.

Temos assim, a configuração de uma crise da democracia liberal, democracia essa cujo modelo omite distinções fundamentais entre liberalismo, democracia e instituições de modo a não permitir identificar separação entre democracia e liberalismo (Mounk, 2019).

Com grande otimismo no final dos anos 1990, a segunda década do milênio tem registrado rechaços ingentes à tecnologia em rede na sua faceta capaz de incrementar práticas cidadãs. Um acentuado uso extrativo dos dados pessoais para incentivo ao consumo por parte de grandes empresas transnacionais tem roubado a cena de boa parte das discussões, dando ascensão a títulos como *The People Vs Tech: How the Internet is Killing Democracy (and how We Save It)*, de James Bartlett e a conceitos como colonialismo de dados, de Couldry e Mejías, ou capitalismo da vigilância, de Shoshana Zuboff.

Isso se deve, em parte, porque muito do debate público atual se constrói a partir de plataformas privadas. Novos oligopólios tecnológicos e midiáticos globais permanecem à par de regulações específicas, com poucas exceções, muito por conta de limitações geográficas que não acompanham os âmbitos transnacionais em que essas empresas operam.

Ante um espaço público digitalizado e midiaticado, a desmesura para se falar em democracia na contemporaneidade se mostra para alguns impraticável, considerando-se



---

as lógicas capitalistas vigorantes na sua manifestação neoliberal atual e a ascensão de extremistas no poder em diversos países do mundo (Mounk, 2019).

Formatos, técnicas e políticas comunicacionais têm sido adotadas em todo o mundo com alguns traços comuns, entre eles o fomento à comunicação direta via redes sociais e o apoio de muitas práticas na desinformação. Recursos da tecnologia digital são usados para acentuação de processos desinformativos e a institucionalização de novos canais de informação, que buscam deslegitimar a grande mídia colocando-se não só como espaços alternativos, mas como ambientes oficiais para comunicação. O fazer político contemporâneo também não é mais o mesmo ante a mediação da própria democracia.

#### **4 A Democracia Mediada: dilemas e contradições**

O espaço público atual é permeado por processos interacionais mediados, individuais e coletivos, da publicização da vida pública e privada, da algoritmização dos conteúdos, hierarquizados pela cultura do acesso e pela lógica do capital. É um espaço público da transparência, da cultura colaborativa e dos dados abertos, mas também da negociação de dados, da rentabilização com conteúdos criados por usuários e da vigilância contínua e cada vez mais irrestrita.

Uma vez que se admite que há uma digitalização progressiva da vida privada e das interações sociais, parece uma consequência natural admitir que há mediação tecnológica crescente da vida pública, isto é, daquele âmbito da vida em sociedade que tem a ver com os assuntos ou negócios públicos, com o regime de funcionamento da comunidade política e com a sua forma institucional, o Estado (Gomes, 2018, s.p.).

Esteves (2007) ressalta que a internet deve ser vista para além das suas potencialidades pró-democracia. “(...) como sabemos, em certas circunstâncias a interação associada à Internet não chega sequer a adquirir uma espessura política, ou pode mesmo assumir uma acentuação politicamente negativa”. (Esteves, 2007, p. 38). Dessa forma, na sociedade contemporânea, a esfera pública mediada fez reverberar



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

até agora mais velhas práticas do que novas, com dilemas e contradições que ficam cada vez mais evidenciados.

Gradativamente, as tecnologias digitais assumiram maior papel na sociedade e, conseqüentemente, na vida política, e também foram sendo alteradas as perspectivas para encarar esse fenômeno. Das operações bancárias aos relacionamentos amorosos, do plebiscito às mobilizações de rua, a vida humana midiaticizada foi sendo posicionada em sistemas numéricos cada vez mais complexos. As operações na rede foram sendo sedimentadas a partir de lógicas mercantis e extração de dados.

A eleição estadunidense que marca o modelo interacional vigente é a de Donald Trump, em 2016. Quando candidato, o Twitter se consolidou como principal veículo de comunicação com o seu público. No caso brasileiro, a campanha presidencial bolsonarista de 2018 também privilegiou as redes sociais digitais, numa atuação que transcende o processo eleitoral e as denúncias de práticas de desinformação e automatização de mensagens com discursos de ódio tomam corpo a cada dia.

Para além das campanhas eleitorais, os perfis de políticos em sites de redes sociais têm se consolidado como canais oficiais de comunicação entre governantes e cidadãos. Essa tendência de uma comunicação direta, que dispensa a mediação dos meios e profissionais de comunicação, contribui para um modelo que tanto deslegitima a grande mídia quanto conquista espaço nela. Em um processo de retroalimentação, o discurso entre pares baseia-se justamente na crítica realizada aos veículos tradicionais, encarados como grandes opositores do governo. No limite, há uma tentativa de descaracterização dos meios de massa enquanto fontes confiáveis, que coloca em dúvida a legitimidade dos padrões do jornalismo.

Ao mesmo tempo, os sentidos que circulam pelos ambientes digitais, muitas vezes repletos de desinformação e discursos de ódio, podem ganhar repercussão suficiente para ganhar relevância pública, colocando profissionais e meios de comunicação em um dilema. Nos dois casos citados anteriormente, os veículos optaram por amplificar os discursos do candidato outsider, debatendo e criticando exaustivamente as mensagens, que alcançaram câmaras de eco cada vez mais estreitas.



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

Assim, os espaços de mídia foram preenchidos sem necessidade de esforço e o atrevimento de Trump de aprofundar a lógica xenófoba tomou proporções globais, repercutindo o que muitos pensavam (Mounk, 2019; Castells, 2018).

Diante do contexto em que os meios digitais se constituem como canais oficiais e concentram atenção pública, à revelia da veracidade das informações, os profissionais da mídia não sabem ao certo se devem ou não comentar tais declarações. A própria mídia, enquanto instituição, não construiu ainda padrões satisfatórios para lidar com essa situação e, portanto, não pode oferecer orientação porque não possui lógicas estabelecidas. Os processos de mediação da política levam a uma reconstrução das lógicas que decorre de tentativas de participantes externos, mas também da ação experimental de atores do próprio campo social da mídia.

Conforme as experimentações são realizadas, os atores constroem e compartilham conhecimento que permite avaliar os resultados da conduta adotada em uma determinada situação, criando novos padrões. Esse processo de aprendizagem pôde ser percebido nas eleições estadunidenses de 2020, em que três canais de televisão tomaram a decisão inédita de interromper a transmissão, no dia cinco de novembro de 2020, de um discurso do presidente que levaria à desinformação, no qual Trump questionava o processo eleitoral durante a contagem de votos.

Grandes plataformas de redes sociais que foram meios prioritários de comunicação para Trump durante as campanhas eleitorais de 2016 e 2020, bem como nos anos de governo deste intervalo, mostram que ainda não encontraram soluções para lidar com os prejuízos gerados ao debate público, embora desenvolvam experiências tentativas nesse sentido. Em 2020, Twitter e Facebook removeram postagens ou identificaram com alerta de desinformação e conteúdo duvidoso mensagens do então presidente relacionadas à pandemia (Trump..., 2020; Pela..., 2020).

No entanto, foi apenas diante de uma situação extrema que optaram por medidas mais contundentes. As contas pessoais de Donald Trump no Twitter, Facebook e Instagram foram suspensas temporariamente por 12 horas no dia seis de janeiro de 2021 por incentivar seus apoiadores a uma ação contestatória contra a vitória de Joe Biden



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

que culminou na invasão do Capitólio enquanto o senado americano fazia a contagem oficial de votos, resultando na morte de cinco pessoas.

Em declarações posteriores, Trump se referiu aos invasores de forma positiva, insistiu em deslegitimar o processo eleitoral e afirmou que não compareceria à posse de Joe Biden. Entendendo que o acesso dele às redes sociais digitais era um risco de incitação à violência, demonstrava a intenção de desestabilizar a transição pacífica do poder e ameaçava um governo democraticamente eleito, Facebook e Instagram optaram pela suspensão das contas indefinidamente - pelo menos, até o fim da transição presidencial. O Twitter, por sua vez, suspendeu permanentemente o perfil por entender que o ex-presidente violou, reiteradamente, as normas da plataforma, como incentivar a violência (Marinho, 2021).

Como experiências tentativas típicas da mídiatização, não é possível afirmar que tais medidas terão os resultados desejados. Por um lado, Trump perde potencial de circulação em três redes sociais relevantes para o debate público online já que, apenas no Twitter, contava com mais de 88 milhões de seguidores. Por outro, é possível que seus discursos circulem em espaços restritos, menos plurais e, portanto, menos expostos a possíveis contraposições e questionamentos. O ex-presidente convidou apoiadores a acompanharem seu perfil na plataforma de rede social Parler, conhecida por concentrar usuários da extrema-direita. Google, Amazon e Apple retiraram de suas lojas o aplicativo com a justificativa de que carece de políticas de moderação de conteúdo danoso ou violento (Apple..., 2021). Longe dos olhos da moderação das empresas ou da vigilância de jornalistas e opositores, as mensagens de Trump podem passar por uma escalada extremista.

Ainda, destacamos que o acontecimento do Capitólio desencadeou tais ações. Embora cuidados como exclusão de mensagens e identificação de conteúdo duvidoso tenham sido recentemente implantados, todos os questionamentos anteriores do ex-presidente ao processo eleitoral, sem nenhuma prova, não foram considerados graves o suficiente para que uma decisão semelhante fosse tomada. Essa postura foi assumida para conter possíveis episódios violentos e pela ameaça clara de perturbação na



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

transição do presidente democraticamente eleito; e não para desacelerar a propagação de discurso de ódio e desinformação que circulam pelo tecido social e vão minando, aos poucos, a democracia, com a conivência das corporações que transformaram as relações já estabelecidas entre mídia e política, criando novos desafios.

O comércio de dados alcançou novas dimensões no fazer político e resultou em escândalos como o da Cambridge Analytica, nos Estados Unidos (Cadwalldr e Graham-Harrison, 2018), com fortes impactos para o processo eleitoral e para a democracia. Uso de dados sem autorização e conhecimento de eleitores para fins políticos formaram um modelo de atuação exportado para outros países que, só aos poucos, vai sendo esclarecido.

As lógicas tentativas próprias da mídiatização nos espaços digitais são subvertidas em favor de práticas de concentração de informações, de disseminação de notícias falsas e da intolerância. Recursos de inteligência artificial são usados numa lógica para desqualificar o debate público.

Sem grandes mudanças desde o pleito de 2016 no que tange às práticas comunicacionais, pouca alteração na regulação dos oligopólios transnacionais midiáticos e uma tendência política neoconservadora por parte do eleitorado, denotam pouca alteração no cenário para os próximos anos. O fenômeno da Mídiatização parece estar relacionado a novos capítulos na crise da Democracia Liberal, formatando uma Democracia Mídiatizada cada vez menos democrática, tolerante e plural.

### Referências

ALMEIDA, S. Neoconservadorismo e liberalismo. In: SOLANO, E. (org.). **O ódio como política**. A reinvenção das direitas no Brasil. Boitempo, 2018.

APPLE retira de sua loja aplicativo Parler que atraiu apoiadores de Trump. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 jan. 2021. Disponível em:



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mdiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/apple-retira-de-sua-loja-aplicativo-parler-que-atraiu-apoiadores-de-trump.shtml>>. Acesso em 11 jan. 2021.

AVRITZER, L; COSTA, S. **Teoria Crítica, Democracia e Esfera Pública: Concepções e Usos na América Latina.** Dados: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 47, n. 4, 2004.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda. (Org.). **Mediação & Mdiatização.** 1ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012, p. 31-52.

\_\_\_\_\_. Lógicas da mídia, lógicas da mdiatização? In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINA, Natália Raimondo; GINDIN, Irene Lis. (Org.). **Relatos de investigaciones sobre mdiatizaciones.** 1ed. Rosário, Argentina: UNR Editora, 2015, v. 1, p. 15-32.

\_\_\_\_\_. Instituições & Mdiatização - um olhar comunicacional. In: FERREIRA, Jairo; ROSA, Ana Paula; FAUSTO NETO, Antonio; BRAGA, José Luiz; GOMES, Pedro Gilberto. (Org.). **Entre o que se diz e o que se pensa - onde está a mdiatização?** 1ed. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2018, v. 1, p. 291-311.

BROWN, W. **Nas ruínas do Neoliberalismo.** Santos: Filosófica Politeia, 2019.

CADWALLADR, C.; GRAHAM-HARRISON, E. Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach. **The Guardian.** 17 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridgeanalytica-facebook-influence-us-election>>. Acesso em 13 de mai. 2020.

CARLÓN, M. Crisis de la democracia representativa? Mdiatización y circulación. In: Paulo César Castro (org.). **Mdiatização e reconfigurações da democracia representativa.** 1 ed. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2019, p. 19-39.

CASTELLS, M. **Ruptura: a crise da democracia liberal.** Tradução: Joana Angélica d'Avilla Melo. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

COULDRY, Nick. **Media, Society, World: Social Theory and Digital Media Practice.** Cambridge: Polity Press, 2012.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016. E-book.

DOMINGUES-DA-SILVA, J.; BARROS, C. O Que Significa “Democratização da



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mdiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

Comunicação”? Limites e possibilidades de enquadramentos teóricos a partir de modelos de democracia. In: **Revista Política Hoje**. v. 22, n. 1, Recife, 2013. ISSN: 0104-7094. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/politica hoje/article/view/3774>.

ESTEVES, J. **Internet e Democracia**: Estado e Sociedade Civil perante os novos desafios da comunicação política. *Media & Jornalismo*, (10), p. 33-42, 2007.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. José Luiz Braga [et al.] (Orgs). 2. ed. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2019, p. 145-160.

GIDDENS, A. Risco, confiança e reflexividade. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GOMES, W. **A democracia no mundo digital**: histórias, problemas e temas. Coleção Democracia Digital. São Paulo: Edições Sesc SP, 2018. *E-book*. ISBN 978-85-9493-105-4.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HJARVARD, Stig. Mdiatização: conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 8, n. 1, 2014, p. 21-44.

\_\_\_\_\_. Da mediação à mdiatização: a institucionalização das novas mídias. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, 2015. P. 51-62.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. The rationalization of traditions in modernity: The dialogue between Anthony Giddens and Jürgen Habermas. **TRANS/FORM/AÇÃO**, v. 36, p. 245-258, 2013.

MAIA, Lídia Raquel H. Mdiatização da política: entre as perspectivas institucionalista e socioconstrutivista. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mdiatização e Processos Sociais**, v. 1, n. 4, out. 2020. ISSN 2675-4169. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-mdiatizacao-resumos/article/view/1112>. Acesso em: 14 dez. 2020.

MARINHO, Will. Twitter suspende a conta de Donald Trump permanentemente. **CNN Brasil**, São Paulo, 8 jan. 2021. Disponível em:



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

<<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/01/08/twitter-suspende-a-conta-de-donald-trump-permanentemente>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

MAZZOLENI, Gianpietro; SCHULZ, Winfried. “Mediatization of Politics: A Challenge for Democracy?” **Political Communication**, v. 16, n. 3, 1999, p. 247–61.

MEYEN, M; THIEROFF, M.; STRENGER, S. Mass media logic and the mediatization of politics: a theoretical framework. **Journalism Studies**, v. 15, n. 3, 2014, p. 271-288.

MIÈGE, B. O pensamento comunicacional na contemporaneidade. In: **Líbero**, v. 12, n. 23, p. 9-18, São Paulo, jun. de 2009.

MOUNK, Y. **O povo contra a democracia**: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. Tradução: Cássio de Arantes Leite e Débora Landsberg. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PELA primeira vez, Twitter põe alerta de desinformação em post de Trump. **Folha de S. Paulo**, 26 maio 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/pela-1a-vez-twitter-poe-alerta-de-desinformacao-em-post-de-trump.shtml>>. Acesso em 11 jan. 2021.

RANCIÈRE, J. **Ainda se pode falar de democracia?** Trad. V. Brito, ed. J. F. Figueira e V. Silva. 1ª ed. KKYM, 2014. E-book.

STRÖMBACK, Jesper. Four phases of Mediatization: na analysis of the mediatization of politics. **Press/Politics**, v. 13, n. 3, 2008, p. 228-246.

STRÖMBAK, J.; ESSER, F. Introduction: making sense of the mediatization of politics. **Journalism Studies**, v. 15, n. 3, 243-255, 2014.

TRUMP é advertido por Twitter e Facebook por menosprezar covid-19. **Veja**, 06 out. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/trump-e-advertido-por-twitter-e-facebook-por-menosprezar-covid-19/>>. Acesso em 11 jan. 2021.